

DO MITO PARA A CIÊNCIA: A PRESENÇA DE CRIATURAS MÍTICAS OU IMAGINÁRIAS EM *DE CHOROGRAPHIA*, DE POMPÔNIO MELA

Prof. Dr. Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)

RESUMO:

Em *De Chorographia*, obra publicada por volta de 45 dC, Pomponio Mela estabelece a geografia do Mundo Antigo. E também diversos paradigmas desta ciência, alguns deles válidos até hoje. Ademais, ao lado de uma, para a época, extraordinária precisão de dados, na obra o autor mapeia as principais plantas e animais de cada região conhecida. O livro traz também a localização das regiões onde transcorreram diversos fatos da Mitologia Clássica, assim como de outras culturas. Mais: Pompônio Mela faz, sempre que possível, a descrição de cada uma das criaturas – imaginárias ou simplesmente exageradas – que vivem em cada uma dessas regiões.

Assim, a obra de Mela inaugura um procedimento ímpar: conduz tais figuras dos campos mitológico, religioso, e inclusive do folclórico, ao científico, onde ficarão até as Grandes Navegações.

Palavras-chave: Mitologia Clássica; Geografia Antiga; Pompônio Mela; Paradigmas Científicos; *De Chorographia*.

ABSTRACT

FROM MYTH TO SCIENCE: PRESENCE OF MYTHICAL OR IMAGINARY CREATURES IN *DE CHOROGRAPHIA*, FROM POMPONIOUS MELA

In *De Chorographia*, work published by around 45 AD, Pomponius Mela sets geography of the Ancient World. And also many paradigms of this science, some of them valid until today. In addition, next to a, for the time, extraordinary precision data in the work the author maps the major plants and animals of each region known. The book also brings the locations of regions where various events from classical mythology have elapsed, and even those from other cultures. More: Pomponius Mela does, whenever possible, the description of each of the creatures - simply imaginary or exaggerated - living in each of these regions.

Thus the work of Mela inaugurated an odd procedure: it attracts such figures of the mythological, religious, and even folkloric, scientific, where they will stay until the Great Navigations.

Keywords: Classical Mythology; Ancient Geography; Pomponius Mela; Scientific Paradigms; *De Chorographia*.

A vertiginosa evolução do conhecimento da atualidade tem acarretado a quase total reformulação dos paradigmas basilares de que as áreas do conhecimento têm se servido, tornando-se imperativo, àqueles interessados em mapear a trajetória de seu campo de ciência, visitar criticamente os textos a que esta deve sua origem, definição e objetivos. No mundo ocidental, esta tarefa agravou-se pelo fato de que, em sua maioria redigidos na Antiguidade Clássica, os mesmos encontram-se em grego ou latim. Assim, diversos textos que proporcionariam o adensamento da reflexão crítica e levariam a nova percepção sobre um determinado ramo do conhecimento são relegados ao limbo pela falta de conhecimento quanto às línguas em que foram escritos.

Outro elemento que dificulta essa aproximação é a distinta categorização das ciências produzidas na Antiguidade e as nossas: enquanto atualmente consideramos toda área de conhecimento que disponha de um objeto de estudos e de um método próprio como uma ciência autônoma; os Antigos lançavam, usualmente, mão de apenas duas categorias: a Filosofia e a História, ditas "Naturais" quando objetivavam o estudo de fenômenos alheios àqueles que hoje encaramos como os de suas áreas restritas. Assim, a Matemática, a Física e a Música eram enquadradas como subáreas da Filosofia Natural; enquanto a Geografia e a Astronomia constituíam partes da História Natural. Daí que, a nosso olhar contemporâneo, afeito a um pensamento e visão de mundo compartimentados em inúmeras áreas de conhecimento que pugnam por sua especificidade, cause estranheza o aproximar-se a textos nos quais os limites das ciências contemporâneas não estejam traçados com a mesma nitidez a que nos habituamos (Isso nas situações em que estejam traçados.).

Contudo, se os paradigmas científicos construídos desde Galileu visavam cada vez mais à constituição da especificidade de cada ciência, a própria evolução das mesmas levou, por sua vez, aos

conceitos de inter- e transdisciplinaridade, aplicáveis àquelas situações em que a resolução de um determinado problema exige a utilização de conceitos, saberes e práticas oriundos de ciências distintas, e potencializa as áreas de intercessão entre as mesmas. Ora, de certa maneira, isso nos faz retornar a uma condição não muito distinta daquela que os cientistas e filósofos da Antiguidade vivenciaram; e, por isso, a releitura de seus textos, hoje, adquire nova importância, não só pelo que nos podem elucidar tanto o como eles lidaram com tal realidade de fronteiras difusas, quanto o como constituíram eles os paradigmas de seus próprios conhecimentos – questões que interessam tanto ao epistemólogo quanto ao historiador da ciência.

No caso específico de textos latinos, desdobra-se ainda outra questão, uma vez que nos permite pensar em como os romanos receberam, leram e interpretaram os tratados científicos herdados dos gregos. Uma vez que é lugar-comum dizer-se que os romanos foram meros receptores do conhecimento grego – pensamento que, no campo da Literatura, já não mais se sustenta – é lícito perguntarmo-nos: Terá essa recepção sido acrítica? Em caso negativo, em que pontos a crítica operou-se de forma mais contundente? Se foi realizada, baseou-se em que critérios? Enfim, teria havido, em algum momento da História, algo que poderíamos chamar de "paradigma romano de ciência"; próximo, mas distinto, daquele praticado pelos gregos? Estas questões, que sem dúvida serão também do interesse do historiador da ciência e do epistemólogo, não podem contudo ser resolvidas sem acesso direto aos textos originais; o que coloca nas mãos do estudioso das letras latinas as chaves para sua resposta.

Mas, cabe então a pergunta, a partir de qual área de conhecimento tal tarefa pode ser desempenhada? Nossa investigação a respeito, e da qual este trabalho é parte, direcionou-nos, pelos seguintes motivos, para a Geografia: distintamente dos demais campos do saber, a Terra, tal como a conhecemos hoje, era a mesma na Antiguidade, e quaisquer alterações em seu relevo, acarretadas por catástrofes naturais – tal como a explosão do Vesúvio em 79 DC, que alterou o entorno de Nápoles, alterações de marés, etc., seriam suficientemente notadas pelos escritores de seu tempo. Portanto, a Geografia é uma das poucas ciências que nos permite a comprovação *in loco* daquilo que os autores (antigos e modernos) descrevem.

Se, dentre os autores antigos, Estrabão, Pompônio Mela e Ptolomeu – este último lembrado quase exclusivamente pela teoria geocêntrica -, dedicaram-se à Geografia, nossa atenção voltou-se para o romano Pompônio Mela, que, tendo vivido na primeira metade do século I DC, é autor de “*De chorographia*”, obra em três livros que se crê publicada por volta de 45. Seu texto, talvez mais que os dos demais, revela-nos, fundamentalmente, em que consistia, no Mundo Antigo, a “descrição do globo”, mas também é surpreendente pela interdisciplinaridade de que se vale, e pela riqueza de detalhes que apresenta: o texto de Mela, feito com o máximo rigor técnico possível para a época, chega a estabelecer, ao mesmo tempo em que descreve, os critérios ainda hoje usados para a divisão do território conhecido:

“...quidquid est cui mundi caelique nomen indidimus, unum id est et uno ambitu se cunctaque amplectitur. partibus differt; unde sol oritur oriens nuncupatur aut ortus, quo demergitur occidens uel occasus, qua decurrit meridies, ab aduersa parte septentrio. Huius medio terra sublimis cingitur undique mari, eodemque in duo latera quae hemisphaeria nominantur ab oriente diuisa ad occasum zonis quinque distinguitur. Mediam aestus infestat, frigus ultimas; reliquae habitabiles paria agunt anni tempora, uerum non pariter. Antichthonos alteram, nos alteram incolimus.”¹

Mais espantoso que a metodologia usada por Mela para dividir o planeta, é demonstrar-se que os antigos conheciam os polos e a Antártida, cuja existência pode ser inferida pelo fato de Mela usar sempre o plural para as extremidades frias do mundo. Mas o intento classificatório não se encerra aí: Mela estabelece ainda os critérios geográficos para a divisão dos continentes:

“Angustias introitumque uenientis nos fretum, Graeci *porthmon* appellant, qua diffunditur alia aliis locis cognomina acceptat. Vbi primum se artat, Hellespontus uocatur, Propontis ubi expandit, ubi iterum pressit Thracius Bosphorus, ubi iterum effudit Pontus Euxinus, qua paludi committitur Cimmericus Bosphorus, palus

¹ “...seja qual for o nome que dermos ao mundo e ao céu, este é um só e se mantém unido. Difere em partes, aquela de onde o sol se origina é chamada Oriente ou Levante, para onde imerge Ocidente ou Ocaso, por onde corre é dita Meridiano, a região oposta é o Setentrão. A terra mais alta é cercada por todos os lados pelo mar, e por este também é dividida em dois lados que chamamos hemisférios e, do oriente ao ocidente, em cinco zonas: O calor atormenta a central, o frio as extremas, e se ambas se fazem habitáveis durante partes do ano, na verdade não o são do mesmo modo. As antípodas são a próxima, e nós habitamos a outra.”

ipsa Maeotis. Hoc mari et duobus inclutis amnibus, Tanai atque Nilo, in tres partes uniuersa diuiditur. Tanais a septentrione ad meridiem uergens in mediam fere Maeotida defluit; et ex diuerso Nilus in pelagus. quod terrarum iacet a freto ad ea flumina ab altero latere Africam uocamus, ab altero Europen: ad Nilum Africam, ad Tanain Europen. ultra quicquid est, Asia est.”²

Ainda que os marcos divisórios propostos por Mela tenham sido revistos, os atuais se mantêm próximos àqueles, consagrando sua proposta. Mela, contudo, é o primeiro a relatar fenômenos do mundo físico – que não pode explicar – como a aurora boreal, mas em que não deixa de evidenciar valer-se de conhecimentos de Astronomia:

“Thyle Belcarum litori adposita est, Grais et nostris celebrata carminibus. In ea, quod ibi sol longe occasurus exurgit, breues utique noctes sunt, sed per hiemem sicut aliubi obscurae, aestate lucidae, quod per id tempus iam se altius euehens, quamquam ipse non cernatur, uicino tamen splendore proxima inlustrat, per solstitium uero nullae, quod tum iam manifestior non fulgorem modo sed sui quoque partem maximam ostentat.”³

Se acima usou a Astronomia, Mela lança mão também da História para descrever seu mundo e, através disso, acaba estabelecendo a proximidade quase indissolúvel destes saberes. É assim pois que descreve cidades como Útica e Cartago “...*ambae inclutae ambae a Phoenicibus conditae, illa fato Catonis insignis, haec suo, nunc populi Romani colonia, olim imperii eius pertinax aemula, iam quidem iterum opulenta, etiam nunc tamen priorum excidio rerum quam ope praesentium clarior.*”⁴

Indo além, Mela chega às raias do antropológico, ao mencionar costumes e hábitos de diversos dos diferentes povos cujas áreas habitadas descreve. Assim faz, por exemplo, ao tratar de um povo da África subsaariana denominado “áugila”: “*feminis eorum sollemne est nocte qua nubunt omnium stupro patere qui cum munere aduenerint, et tum cum plurimis concubuisse maximum decus.*” (I, 46)⁵

Caminhando ainda nessa direção, o texto de Mela trata ainda da História desses povos, e é nesse ponto que o texto começa a permitir-nos uma análise diferenciada. Sabe-se que, para os antigos, a História era indissociável dos mitos pagãos que compunham a cultura greco-romana; e Pompônio Mela, nesse caso, não foge à regra, relacionando os mitos ao tratar dos pontos geográficos em que teriam ocorrido; contudo, é na forma como os descreve que Mela deixa, reiteradamente até, nítido que está abordando *lendas e fábulas*. Vejamos alguns exemplos:

“Dictum est Atlanticum esse oceanum qui terras ab occidente contingeret. Hinc in Nostrum mare pergentibus laeua Hispania, Mauretania dextra est, primae partes illa Europae, haec Africae. Eius orae finis Mulucha, caput atque exordium est promunturium quod Graeci Ampelusiam, Afri aliter sed idem significante uocabulo appellant. In eo est specus Herculi sacer, et ultra specum Tinge oppidum peruetus et ab Antaeo, *ut ferunt,*

² “Os gregos chamam *porthmon* e nós chamamos estreitos e canais aos braços de mar e às extensões por onde se espalham, razão pela qual se aceita que em outros locais haja outros nomes. Onde primeiro se aperta, é chamado Helesponto, onde se expande Proponto, onde novamente se estreita, Bósforo Trácio; onde outra vez se alarga Mar Negro, por onde se ligam ao pântano Criméia, e ao próprio pântano Mar de Azov. O mundo é dividido em três partes por este mar e por dois rios famosos, Don e Nilo. O curso do Don flui do Mar de Azov separando quase ao meio o norte do sul; e o Nilo em diversas ilhas. Chamamos África o que de terras jaz a ocidente daquele estreito para esconder-se além daqueles rios; a ocidente do outro chamamos Europa: para o Nilo, África; para o Don, Europa. O que existe além é a Ásia.” (Nesta tradução, coloquei os nomes atuais.)

³ “A Islândia, postada no extremo litoral do mundo, foi celebrada pelos nossos e pelos gregos com poemas. Nela, que para aí surge ao longe o sol que vai se pôr, e onde as noites são breves; mas se- como em todo lugar - são escuras no inverno, são ao contrário brilhantes no verão, já que durante este tempo o sol se ergue mais alto, embora o mesmo não seja visto, ilumina no entanto a noite próxima com seu vizinho esplendor. De fato isso não ocorre no solstício, pois então ele já ostenta um brilho não apenas mais explícito como também em grau máximo.”

⁴ “...ambas famosas e fundadas pelos fenícios: aquela pelo nascimento do ínsigne Catão; esta pelo seu próprio, outrora pertinaz inimiga deste império, agora é colônia do povo romano e já é novamente rica, sendo também ainda mais ilustre pela queda dos antigos cartagineses do que pela riqueza dos presentes.”

⁵ “é costume solene de suas mulheres, na noite em que casam, oferecer o sexo a todos que tenham vindo com presentes, e é máxima honra ter se deitado com muitos.

conditum. (...) Deinde est mons praealtus, ei quem ex aduerso Hispania adtollit obiectus: hunc Abilam, illum Calpen uocant, Columnas Herculis utrumque. Addit fama nominis *fabulam*, Herculem ipsum iunctos olim perpetuo iugo diremisse colles, atque ita exclusum antea mole montium oceanum ad quae nunc inundat admissum.”⁶

“eius promunturium est Borion, ab eoque incipiens ora, quam Lotophagi tenuisse *dicuntur*, usque ad Phyconta, et id promunturium est, inportuoso litore pertinet”.⁷ (I,37)

Perceba-se que, no texto, Mela inclui diversos marcadores que nos apontam para um fato que, à época, já não se podia esconder: tais mitos, se é que um dia existiram, não correspondiam mais à realidade do mundo que Mela descrevia. A exigência de um saber concreto, que fosse sobretudo comprovável, postulava a relativização daqueles mitos que, séculos antes, povoavam o cotidiano das populações agora descritas. E não é casual o fato de que, para tal relativização, a Geografia tenha saído na frente, pois bastava conferir *in loco* se as lendas eram ou não verdadeiras. Entretanto, em determinados casos, Mela não exclui peremptoriamente o mito, mas o situa no passado, o que equivale, se não a uma total negação do mesmo, a retirá-lo, de qualquer forma, da realidade:

“Eryx maxime memoratur ob delubrum Veneris ab Aenea conditum, et Aetna quod Cyclopas *olim* tulit, nunc adsiduis ignibus flagrat.”⁸ (II, 119)

“Paestanus sinus, Paestum oppidum, Silerus amnis, Picentia, Petrae quas Sirenes *habitarunt*,...”⁹ (II, 69)

Há ainda casos, como ao tratar dos mitos homéricos de Scila e Caríbdis, em que Mela é definitivamente um iconoclasta, destruindo, quanto aos mesmos, qualquer crença que ainda pudesse subsistir, pois os explicita como meros acidentes geográficos: “id angustum et anceps alterno cursu modo in Tuscum modo in Ionium pelagus perfluit, atrox saeuum et Scyllae Charybdisque saeuus nominibus *includum*. Scylla saxum est, Charybdis mare, utrumque noxium adpulsis.”¹⁰ (II, 115)

Entretanto, essa postura crítica é aplicada apenas em relação aos mitos, pois Mela se mostra bem mais comedido ao abordar fatos da religião pagã greco-romana, tal como se constata no trecho abaixo, em que é patente a diferença de tratamento dada aos mitos cretenses e à existência de um túmulo de Júpiter naquela ilha:

super eas iam in medio mari ingens et centum quondam urbibus habitata Crete ad orientem promunturium Samonium, ad occidentem Criumetopon inmittit, (...) *multis famigerata fabulis*, aduentu Europae, Pasiphaeae et Ariadnae amoribus, Minotauri feritate fatoque, Daedali operibus et fuga, Tali statione atque morte, maxime

⁶ “É chamado de Atlântico o oceano que separa as terras a ocidente, os que daí penetram no Mediterrâneo têm à esquerda a Espanha, à direita a Mauritânia, sendo partes aquela a primeira da Europa, esta da África. O rio Mouloudja é o fim daquela costa, cujo desaguadouro é o promontório que os gregos chamam Ampelúsia, e os africanos denominam de outro modo com uma palavra de mesma significação. Ali fica a sagrada caverna de Hércules, e além da caverna a mui antiga vila de Tânger, fundada, como alegam, por Anteu. (...) A partir daí se vê um monte muito alto, visível mesmo por quem na Espanha estiver: a este chamam Abila, a aquele Calpe, a ambos, as Colunas de Hércules. A fama deste nome se deve à fábula de ter o próprio Hércules um dia separado os montes de seu elo perpétuo, e assim se antes o oceano era separado do mar pelo dique dos montes agora lhe é permitido ir até as margens, que inunda.”

⁷ “...seu promontório é o Bório, e dali começam as margens que, *segundo se conta*, pertenceram aos lotófagos, e neste promontório não se consegue aportar”.

⁸ Érix é sempre lembrado pelo templo de Vênus, fundado por Eneias, e o Etna, que outrora suportou os Ciclopes, agora dispara chamadas constantes.

⁹ “O estreito de Pestano, a vila de Pesto, o rio Silero, Picência, Petra, onde as sereias habitaram”(II, 69)

¹⁰ “este mar estreito e ambíguo, perigoso e cruel, flui com um curso alternado ora para Tusco, ora para a Jônia; ficou famoso pelos nomes cruéis de Scila e Caríbdis. Scila é a rocha, Caríbdis é o mar, e ambos fazem o mal aos que se aproximam.”

tamen eo quod ibi sepulti Iouis paene clarum uestigium, sepulcrum cui nomen eius insculptum est adcolae ostendunt. (II, 112)¹¹

Escrevendo sua obra ao tempo de Cláudio, em que se mantinha, ao menos nominalmente, a postura tradicionalista quanto aos costumes e a religião adotada desde o tempo de Augusto; é certo que Mela não colocaria em seu texto algo que denotasse qualquer descrença nos deuses; pois a ciência, tal como concebida em seu tempo, embora já pudesse realocar o conhecimento mítico, ainda não seria suficientemente forte para fazer o mesmo com o conhecimento religioso, não podendo-se então estranhar que algumas lendas, em que a ação dos deuses é decisiva, sejam corroboradas por Mela: “*alioqui litus ignobile est, lapideum ut uocant, in quo Herculem contra Alebiona et Dercynon, Neptuni liberos, dimicantem cum tela defecissent ab inuocato Ioue adiutum imbre lapidum ferunt. credas pluuisse, adeo multi passim et late iacent.*”¹²(II, 78)

Portanto, ao passo em que estabelecendo uma demarcação mais rigorosa entre mito e religião, Mela assume posicionamentos distintos com relação a cada um destes tipos de conhecimento: enquanto a religião propriamente dita permanece intocada, o mito ou é explicado, o que equivale a ser desmascarado, podendo inclusive ser absorvido pela ciência – tal como é o caso de Scila e Caríbdis -, ou é expulso do mundo tal como Mela o descreve. No entanto, se o mito é expulso, cabe a pergunta: expulso para onde? A que espaço o mito ficará, doravante, circunscrito?

A resposta a tal questionamento é passível de ser detectada no próprio texto, no qual surge uma dicotomia, no mínimo, curiosa: enquanto as regiões então pertencentes ao Império Romano são, geográfica e culturalmente descritas com um máximo de precisão, e sofrem o deslocamento dos mitos, tal como demonstrado acima; aquelas regiões que estão colocadas fora do universo político e cultural romano são descritas com um rigor científico bem mais moderado. Moderação essa que diminui à medida em que a distância da civilização greco-romana aumenta. Assim, quando aborda as populações da Líbia, região em que ocorria uma forte romanização estava tendo curso, a descrição da população autóctone é feita com cores quase idílicas:

Catabathmos uallis deuexa in Aegyptum finit Africam. orae sic habitantur ad nostrum maxime ritum moratis cultoribus, nisi quod quidam linguis differunt et cultu deum quos patrios seruant ac patrio more uenerantur. proximis nullae quidem urbes stant, tamen domicilia sunt quae mapalia appellantur. uictus asper et munditiis carens. primores sagis uelantur, uulgu bestiarum pecudumque pellibus. humi quies epulaeque capiuntur. uasa ligno fiunt aut cortice. potus est lac sucusque bacarum. cibus est caro plurimum ferina: nam gregibus, quia id solum opimum est, quod potest parcitur. [42] interiores incultius etiam secuntur uagi pecora, utque ea pabulo ducta sunt ita se ac tuguria sua promouent, atque ubi dies deficit ibi noctem agunt. quamquam in familias passim et sine lege dispersi nihil in commune consultant, tamen quia singulis aliquot simul coniuges et plures ob id liberi adgnatique sunt nusquam pauci. (III. 41-42)¹³

¹¹ ...”sobre elas, poderosa no meio do mar e habitada por cem cidades, Creta lança para o Oriente o promontório Samônio e ao Ocidente o Criumétopon, com muitas lendas famosas: o rapto de Europa, os amores de Ariadne e Pasifaé, a ferocidade e o destino do Minotauro, as obras e a fuga de Dédalo, a prisão e a morte de Talos, mas ainda e principalmente porque aí se encontram claros vestígios do túmulo de Júpiter, e mostram aos visitantes um sepulcro com seu nome esculpido.”

¹² “além disso, há a pequenina praia que chamam “das pedras”, na qual Hércules, lutou com sua lança contra Alebion e Dercino, filhos de Netuno, que haviam desprezado seu socorro e, por isso, sofreram uma chuva de pedras enviada por Júpiter. Creia que de fato choveu, pois muitas pedras estão amplamente espalhadas por ali.”

¹³ “O vale de Catabatmos, em declive até o Egito, delimita a África. As margens são aí habitadas pelos mais lentos cultuadores do nosso rito, senão que alguns diferem em língua e pelo culto ao deus que os da terra observam e são venerados segundo o costume do lugar. Não há qualquer cidade nas regiões próximas, no entanto, há casas que são chamadas de aldeias. Um modo de vida rude e carente de limpezas. Sua elite se cobre com mantos; o povo, com as peles dos animais e do gado. Seu repouso e alimentação são feitos no chão, seus vasos de madeira ou cortiça, bebem leite e suco de frutas, a comida é a carne de diversas feras: porque se poupa para a tribo tudo aquilo que é abundante para um só. Os do interior mais inculto seguem os rebanhos vagantes, e mudam suas

Já ao descrever as populações da Gália e da Bretanha (então em processo de conquista definitiva, conduzido pelo imperador Cláudio), Pompônio Mela diz tratar-se de gentes superbae superstitiosae aliquando etiam immanes adeo, ut hominem optimam et gratissimam diis uictimam crederent. manent uestigia feritatis iam abolitae, atque ut ab ultimis caedibus temperant, ita nihilominus, ubi deuotos altaribus admouere, delibant. habent tamen et facundiam suam magistroque sapientiae druidas. (III, 18)¹⁴

Se Mela já evidencia não nutrir maior simpatia pelos povos celtas, ao menos lhes concede a esperança de que sua cultura seja modificada pela ação de Roma, uma vez que estão agora dentro das fronteiras do Império. No entanto, ao tratar de outros povos, além-fronteiras, Mela, mesmo reconhecendo-lhes algumas qualidades e assumindo um tom pretensamente neutro, mostra claramente o quanto estão distantes do ideal da civilização clássica:

Asiacae furari quid sit ignorant, ideoque nec sua custodiunt nec aliena contingunt. [12] interius habitantium ritus asperior et incultior regio est. bella caedesque amant, mosque est bellantibus cruorem eius quem primum interemerunt ipsis ex uulneribus ebibere. (...) [13] inter epulas quot quisque interfecerit referre laetissima et frequentissima mentio, binisque poculis qui plurimos rettulere perpotant. is inter iocantis honos praecipuus est. pocula ut Essedones parentium, ita inimicissimorum capitibus expoliunt. [14] apud Anthropophagos ipsae etiam epulae uisceribus humanis apparantur. (II, 11-14)¹⁵

Tendo ficado claro que a Ciência, nascida da, na e para a Civilização, e que esta se expandia junto com as conquistas de Roma; cabe então perguntar-se, onde estariam as criaturas fantásticas que povoavam o imaginário do homem da Antiguidade? Se foram banidas do mundo ordenado e conhecido que Roma conquistara, onde se encontravam então? A resposta dada por Pompônio Mela é clara: as criaturas narradas pelos mitos do passado estão presas ao passado, mas no mundo havia ainda espaço para monstros e animais fantásticos; entretanto, todos os que ainda o povoavam habitavam as *terrae ignotae* do planeta, tanto as do extremo norte:

... in illo sinu quem Codanum diximus ex iis Scadinauia, quam adhuc Teutoni tenent, et ut fecunditate alias ita magnitudine antestat. [55] quae Sarmatis aduersa sunt ob alternos accessus recursusque pelagi, et quod spatia quis distant modo operiuntur undis modo nuda sunt, alias insulae uidentur alias una et continens terra. [56] in his esse Oeonas, qui ouis auium palustrium et auenis tantum alantur, esse equinis pedibus Hippopodas et Panotios, quibus magnae aures et ad ambiendum corpus omne patulae – nudis alioquin – pro ueste sint, praeterquam quod fabulis traditur, *apud* auctores etiam – quos sequi non pigeat – inuenio. (III, 54-56)¹⁶

choupanas à medida em que esses os guiam pelas pastagens, e quando o dia é pouco para isso, então agem à noite. Embora vivam sem lei e dispersos por toda parte em famílias, nada realizam em comum, porque só se casam uma vez e muitos são filhos e parentes, e por causa disso são poucos por toda parte.”

¹⁴ “Gente soberba, supersticiosa e um tanto cruel, pois creem que um homem é uma ótima e felicíssima oferenda aos deuses. E permanecem ainda traços dessa ferocidade já abolida, e ainda que abrandem os últimos sacrifícios, tocam de leve, contudo, onde os devotos carregam para os altares. Mantêm ainda sua língua e seus druidas, mestres de sua sabedoria.”

¹⁵ “Os da Ásia ignoram o que é roubar, e portanto não cuidam do que é seu nem tocam no que é dos outros. A religião dos que habitam o interior é mais rude, assim como a região é mais inculta: amam as guerras e as mortes, e é costume dos que guerreiam beber, nas próprias feridas, o sangue daquele a quem matou primeiro (...) nos banquetes, a cada menção alegre e frequente sobre cada um que tenham matado, os restantes bebem dois copos. Sua principal honra vai para os gracejadores. Como os dos pais dos Essedões, seus copos são feitos das cabeças dos maiores inimigos. Entre os antropófagos, os próprios banquetes são preparados com vísceras humanas.”

¹⁶ “Naquele estreito que nós chamamos Codano e eles Escandinávia, que precede muitas outras terras em fecundidade e extensão, e que até hoje os teutões mantêm, os quais são adversários dos sármatas, seja pelo acesso ou pelos recursos do mar, e onde os espaços que se abrem a quem apenas se afasta das ondas são vazios, veem-se outras ilhas e uma terra continental. Nesta, há as Eonas, que se alimentam apenas de aveia e

quanto as do extremo sul (no caso, a África subsaariana):

[43] ex his qui ultra deserta esse memorantur Atlantes solem execrantur et dum oritur et dum occidit ut ipsis agrisque pestiferum. nomina singuli non habent, non uescuntur animalibus, neque illis in quiete qualia ceteris mortalibus uisere datur. [44] Trogodytae nullarum opum domini strident magis quam locuntur, specus subeunt alunturque serpentibus. [45] apud Garamantas etiam armenta sunt eaque obliqua ceruice pascuntur, nam pronis directa in humum cornua officiunt. nulli certa uxor est. ex his qui tam confuso parentium coitu passim incertique nascuntur quos pro suis colant formae similitudine agnoscunt. [46] Augilae manes tantum deos putant, per eos deierant, eos ut oracula consulunt, precatique quae uolunt, ubi tumulis incubuere, pro responsis ferunt somnia. (...) [47] nudi sunt Gamphasantes armorumque omnium ignari; nec uitare sciunt tela nec iacere, ideoque obuios fugiunt, neque aliorum quam quibus idem ingenii est aut congressus aut conloquia patiuntur. [48] Blemyis capita absunt, uultus in pectore est. Satyris praeter effigiem nihil humani. Aegipanum quae celebratur ea forma est. haec de Africa. (I, 43-48)¹⁷

Talvez inadvertidamente, Mela tenha realizado, em *De Chorographia*, uma sutil transformação do universo mitológico da Antiguidade, substituindo os mitos próximos, mas mais antigos; por outros, mais recentes e distantes, que habitam terras longínquas e perigosas. Porém, ainda que nessas terras haja espaço para tais criaturas, chama a atenção o fato de que todas os seres descritos por Mela têm características *antropomórficas*. Se há, de fato, uma ausência de monstros e animais mitológicos, tais como narrados por Homero, isso não se dá apenas porque o pensamento científico da época, ainda que muito incipiente, já constatará sua inexistência, caso dos ciclopes e das sereias; ou sua relação com fenômenos da natureza, caso de Scila e Caribdis; mas ocorre também porque, no mundo descrito por Pompônio Mela, monstruoso é o homem, mitológico é o outro, o que habita regiões muito distantes das luzes da Civilização e do conhecimento.

Com isso, Mela realiza um passo na direção do desaparecimento dos mitos e na entronização de uma leitura de mundo mais realista – e de certo modo científica – na sociedade de seu tempo. E ainda que essa leitura de mundo não fosse ainda capaz de questionar o conhecimento advindo da religiosidade, foi exitosa durante séculos, pois obviamente, muitas das concepções medievais acerca do mundo físico – e que só seriam vencidas com as Grandes Navegações – estão também consagradas em *De Chorographia*.

Enfim, o que nos deveria chamar a atenção não é a presença ou a ausência de mitos ou similares, mas o quanto de veracidade há na obra. Jamais saberemos se Mela conheceu *in loco* a maioria dos lugares que descreve, o que é assaz duvidoso, mas grande parte do que descreve faz é comprovável, tanto é que Mela foi um dos autores mais usados durante as Navegações. Sua obra foi reeditada quase continuamente nos sécs. XV e XVI, e, a partir da edição de 1578, acompanhada do mapa-múndi –segundo Mela – traçado por Pierre Bertiot.

Outro ponto interessante repousa na facilidade com que Mela, não apenas nos trechos citados, acata o relativismo linguístico da nomenclatura geográfica. Fazendo a descrição de cada região juntamente com a

dos ovos das aves dos pântanos, há os hipópodas, que têm pés de cavalo, e os panócios, que andam nus, mas que usam suas enormes orelhas como vestimenta, rodeando todo o corpo; tal como se narra nas lendas, encontro isso ainda em outros autores, que vale a pena seguir.”

¹⁷ “Dos que habitam além do deserto, os atlantes amaldiçoam o sol quando nasce e se põe, como algo pestilento a seus campos. Não têm nomes particulares, não se vestem com peles, nem lhes é dado visitar tranquilamente os demais mortais. Os trogoditas, senhores de riqueza alguma, murmuram mais que falam, vivem em grutas e alimentam-se de serpentes. Junto a si os garamantas apascentam ainda aquele gado de cabeça torcida, com chifres retos que se inclinam para a frente e revolvem a terra. Não há uma esposa certa, e é por isso que os que nascem por toda parte de tão confuso e incerto acasalamento dos pais só são reconhecidos por estes pela semelhança do rosto. Os águilas consideram apenas os ancestrais como deuses, consultando-os como oráculos e, onde foram enterrados, rezam a eles pelo que querem, e esperam as respostas em sonhos (...). Os ganfantes andam nus e ignoram qualquer arma; não sabendo evitar nem jogar dardos, e portanto fogem dos que encontram, e nem mesmo se encontram ou conversam com outros povos de mesmo espírito. Os blemes não têm cabeça, e seu rosto fica no peito. Além da forma física, os sátiros nada têm de humano, mas sim aquela imagem que é celebrada no deus Pã. E sobre a África é isso.”

descrição dos usos e costumes de cada um povos que a habita, Pompônio Mela mostra, tacitamente, que o conhecimento do mundo físico é realmente indissociável do dos mundos social, cultural, econômico político e mesmo religioso; e defende, com essa prática, uma visão integradora - ratificada por valer-se de informações de variadas fontes – que, por si, corrobora uma concepção de Geografia agrupada, mas não subserviente, às ditas Humanidades, ou que tampouco resulta simplesmente do acúmulo de conhecimentos técnicos. Assim, o alegado surgimento da “Geografia Humana”, em meados do século XX, não pode ser visto apenas como uma reação ao “isolamento” da “Geografia Física” frente à realidade social, mas como a retomada de uma tradição localizada na própria origem da Geografia como ciência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, Junito de Souza. *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 1993.

GRIMAL, Pierre. *A Civilização Romana*. Lisboa: Edições 70, 1988. Série Lugar da História 34.

_____. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. 4 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

INGLEBERT, Hervé (org.) *Histoire de la Civilisation Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. Collection Nouvelle Clio.